

Educação em Gramsci, a escola unitária e a transformação social

Education in Gramsci, the unitary school and social transformation

DOI: 10.55905/rcssv12n5-015

Received on: August 28th, 2023

Accepted on: September 25th, 2023

Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

PhD em Educação

Instituição: Universidade de Brasília (UNB) - Campus Darcy Ribeiro

Endereço: s/n, UnB, Brasília – DF

E-mail: otiliadantas@gmail.com

Érika Rodrigues de Freitas

Doutoranda em Educação

Instituição: Universidade de Brasília (UNB) - Campus Darcy Ribeiro

Endereço: s/n, UnB, Brasília – DF

E-mail: kikafr@gmail.com

Pauliane Duarte de Almeida

Mestre em Educação

Instituição: Universidade de Brasília (UNB) - Campus Darcy Ribeiro

Endereço: s/n, UnB, Brasília – DF

E-mail: pedagogapda@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco temático a educação em Gramsci, a escola unitária e a transformação social. O objetivo definido delineou-se em refletir acerca dos escritos de Antônio Gramsci sobre a educação. Para tanto, questionou-se a formação escolar exclusivamente técnica destinada às classes menos favorecidas, a interesse da classe elitista para o fortalecimento das diferenças sociais. Neste contexto, Gramsci evidencia a escola unitária. Metodologicamente, o estudo é uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, ancorado em Minayo (2001), no qual destaca-se o aprofundamento no mundo dos significados, das ações e relações humanas. O referencial teórico encontra-se à luz de Gramsci (2006), Manacorda (2008), Vázquez (2007), para fundamentação da análise do pensamento Gramsciano embasado na escola unitária. Os resultados e conclusões mostram que o constructo teórico de Gramsci fundamenta a elevação cultural das massas e contribui para transformação social e para emancipação, rompendo a hegemonia burguesa. Compreendeu-se que a escola unitária de Gramsci introduziu o conceito de hegemonia na análise da educação, destacando a importância na luta contra a opressão e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, de forma a promover a emancipação dos indivíduos.

Palavras-chave: Gramsci, educação, escola unitária.

ABSTRACT

This research has as its thematic focus the education in Gramsci, the unitary school and the social transformation. The defined objective was outlined in reflecting on Antonio

Gramsci's writings on education. To this end, the exclusively technical school training aimed at the less favored classes was questioned, in the interest of the elitist class for the strengthening of social differences. In this context, Gramsci highlights the unitary school. Methodologically, the study is a bibliographic review of a qualitative nature, anchored in Minayo (2001), in which the deepening in the world of meanings, actions and human relationships is highlighted. The theoretical framework is based on Gramsci (2006), Manacorda (2008), Vázquez (2007), to support the analysis of Gramscian thought based on the unitary school. The results and conclusions show that Gramsci's theoretical construct underlies the cultural elevation of the masses and contributes to social transformation and emancipation, breaking bourgeois hegemony. It was understood that Gramsci's unitary school introduced the concept of hegemony in the analysis of education, highlighting the importance in the fight against oppression and in the construction of a more just and egalitarian society, in order to promote the emancipation of individuals.

Keywords: Gramsci, education, unitarian school.

1 INTRODUÇÃO

No momento atual, anos 20 do século XXI, é bastante oportuno refletir sobre Gramsci e a Educação, especialmente por recentemente o país ter participado de um momento eleitoral, cuja educação e a democracia encontravam-se fortemente atacadas em suas bases epistemológicas. É possível destacar que o governo anterior se configurou como assemelhado tosco do fascismo, ideologia política ultranacionalista e autoritária, iniciada na Itália nos anos 20 do século XX, caracterizada por poder ditatorial, repressão da oposição por via da força e forte arregimentação da sociedade e da economia.

Nesse sentido, traz-se neste artigo as concepções de Gramsci no campo educacional, tendo em vista que se destacou como um dos combatentes do fascismo italiano. Assim, o estudo justifica-se pela necessidade de se questionar a formação escolar exclusivamente técnica destinada às classes menos favorecidas, a interesse da classe elitista para o fortalecimento das diferenças sociais. O objetivo geral delineado é refletir acerca dos escritos de Antônio Gramsci sobre a educação.

O que significa, então, **educação** para Gramsci? Vale salientar que as ideias de Gramsci (2006) sobre educação contribuem decisivamente para desmistificá-la. A crítica entre educação e sociedade à época afirmava o seu caráter reprodutor da exploração e de dominação capitalista.

Gramsci pensava em um processo educativo que potencializasse e empoderasse os sujeitos, tornando-os capazes de se posicionar sobre os rumos da sociedade. No entanto, para compreender a abrangência do pensamento Gramsciano a respeito do

conceito educação, é necessário entender tanto o papel que a educação executa no nível de uma direção política, que permita a elevação cultural de um grupo ou de uma classe, quanto o papel que exercem as organizações culturais e políticas na construção e manutenção de uma idealização de mundo.

Vale ressaltar que, de acordo com Gramsci (2006), somente pela concepção crítica e consciente do mundo e da realidade social é que o sujeito compreende a sua posição no grupo social e se compreende enquanto protagonista na produção da história. A formação dessa concepção estaria ligada ao trabalho, à vida e à ciência. Este seria então o papel fundamental da educação.

Para Gramsci, a cultura operava mudanças substantivas na maneira de pensar, de sentir e de agir da sociedade. Para ele, a escola se constitui no espaço concreto de lutas de classe possibilitando a construção das contradições e exercício da mediação em prol da realidade concreta e total.

Baseando-se nesta concepção crítica, salienta-se a importância de refletir sobre o pensamento de Gramsci a respeito da educação e da escola unitária. Cabe ressaltar que a metodologia adotada neste estudo está pautada em pesquisa bibliográfica, conforme disposto na seção a seguir.

2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

O estudo em questão é uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo. Compreende-se que a pesquisa qualitativa é aquela que “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (MINAYO, 2001, p. 21).

Deste modo, optou-se por esta abordagem, pois é capaz de promover a capacidade de interpretar a realidade na qual nos situamos; uma realidade que é histórica e influenciada por inúmeros fatores, tais como os sociais, políticos, econômicos, entre outros, sendo a metodologia “aquela responsável por delimitar ‘o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade’” (MINAYO, 2001, p. 16).

No cerne da pesquisa qualitativa, destacamos a revisão bibliográfica para a construção do texto, no qual de acordo com Marconi e Lakatos (2003), o material fornece ao pesquisador as fontes para auxiliar em sua análise e escrita, ofertando meios para propiciar o pensamento sobre o objeto investigativo, para que se analise em diferentes

enfoques e abordagens em relação às produções já existentes. Portanto, o objetivo definido para este estudo delineou-se em refletir acerca dos escritos de Antônio Gramsci sobre a educação.

2.1 GRAMSCI, O PENSAMENTO VIVO

Gramsci, italiano nascido em Ales - interior da Sardenha - em 1891, faleceu no ano de 1937 em Roma. Ele viveu apenas 46 anos, 11 dos quais esteve preso nos cárceres de Benito Mussolini em decorrência da ascensão fascista. Seus últimos dois anos de vida passou em clínicas penitenciárias em uma condição bastante debilitada de saúde (FRESU, 2020).

Durante sua juventude atuou intensamente como jornalística e militante, bem como fundador de alguns jornais. Gramsci viveu substanciais transformações definidoras do século 20, pois vivenciou a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Socialista na Rússia. Destaca-se que isso contribuiu decisivamente durante a sua vida de modo intenso e engajado, problematizando, sempre, a sociedade estruturada sob uma imensa desigualdade e absurdamente excludente. Deste modo, Gramsci sempre se posicionou contra essa realidade perversa, em defesa de um projeto de sociedade calcada sobre outras bases. Ao ser preso e condenado, os fascistas acreditavam que assim seria possível inibir seus pensamentos; porém, esse feito não foi alcançado.

Mesmo no cárcere, Gramsci conseguiu deixar inúmeros escritos, dentre eles os *Cadernos do Cárcere*, obra que um século depois continua provocando reflexão para os problemas de hoje. Das experiências escolares pessoais, os seus primeiros testemunhos se colocam a respeito do que significou para ele sua vivência na escola autoritária e discriminadora, como relata em uma carta descrita à sua cunhada (MANACORDA, 2008, p. 23). As essenciais impressões deste e de outros fatos, foram determinantes para reflexões sobre o sistema escolar considerado para ele como retrógrado.

O que chama atenção é a capacidade que ele teve de resistir à todas essas atrocidades e continuar a produzir, mesmo com as condições que lhe fora permitido. Mesmo assim, conseguiu conciliar, ainda que no cárcere, de forma lúcida e objetiva a questão da dialética entre teoria e prática, conseguindo também, refletir e militar mesmo naquelas condições tão adversas de saúde e de prisioneiro, o que nos deixa um significativo exemplo.

2.2 O CARÁTER CLASSISTA DA ESCOLA DENUNCIADO POR GRAMSCI

A denúncia do caráter classista aparece de forma clara nos textos de juventude do autor. Gramsci descreve em sua escrita uma visão bastante crítica da escola, tanto da escola tradicional no sentido pedagógico, como do seu papel político pelo caráter discriminatório da escola. Em um de seus textos ele destaca:

A cultura é um privilégio. A escola é um privilégio. E não queremos que seja assim. Todos os jovens deviam ser iguais diante da cultura. O estado não deve pagar com o dinheiro de todos a escola para os medíocres e deficientes, mas filhos dos abastados, enquanto exclui dela os inteligentes e capazes, por que filhos de proletários (MANACORDA, 2008, p. 33).

Em pleno terceiro milênio ainda encontramos uma escola excludente, embora se reconheça que o proletariado tem conquistado alguns direitos, em especial, referentes a inclusão social. Todavia, ainda há muito por lutar na sociedade capitalista.

Neste sentido, reivindica o direito do proletariado à cultura e sua autonomia cultural em relação à burguesia, ao afirmar que “[...] educação, a cultura, a organização do saber e da experiência, é a independência das massas em relação aos intelectuais (...) é a luta contra o despotismo dos intelectuais de carreira”(MANACORDA, 2008, p. 33). É notável a preocupação de Gramsci com relação aos intelectuais e da sua relação com as massas. Dessa forma, ele reitera que a posição da filosofia da Práxis é diferente da perspectiva católica cujo objetivo era manter um distanciamento entre os intelectuais e a massa.

Ao longo de períodos que se sucedem, Gramsci amplia e qualifica seu interesse pedagógico, considerando sua vida e a história política do seu tempo. Neste aspecto, suas reflexões amadurecem em seu primeiro escrito de 1910, citado por Manacorda (2008, p. 24), sobre o tema *Oprimidos e opressores*.

No que se refere a esse escrito, mesmo não tratando diretamente da escola, se posiciona contra os privilégios e as diferenças sociais, em uma perspectiva não da violência que o mesmo considera impulsionadora dos “humanos”, mas da união para tornar a natureza mais útil e necessária aos homens. Assim, Gramsci discorda da política escolar tradicional, inclusive do próprio partido socialista, de restringir ou priorizar a formação profissional para os trabalhadores. Defende para estes uma escola denominada ‘desinteressada e humanista’, que no primeiro momento é identificada com a escola clássica, pois vê a necessidade de formar nos trabalhadores a disciplina intelectual, a formação cívica e a consciência histórica, conforme nos diz Manacorda (2008, p. 33):

Para o proletariado é necessária uma escola desinteressada, uma escola humanística, em suma, como pretendiam os antigos e os homens mais recentes do Renascimento. Uma escola que não hipoteque o futuro do jovem e não constranja a sua vontade, a sua consciência, a sua inteligência, a mover-se dentro de um trilho com direção pré fixada.

Quando Gramsci se refere à escola desinteressada, é no sentido de não ter um interesse imediato como, por exemplo, a escola profissionalizante, que visa um fim imediato. Ou seja, ele defende que a escola precisa ter uma formação humanística, ampla e integral que modele a capacidade tanto de trabalho intelectual, técnico, quanto manual e que tenha o trabalho enquanto princípio educativo. Observa-se, no entanto, que ao tratar desse assunto, Gramsci não se referia ao emprego propriamente dito, pois traçou uma crítica contundente em seus textos com relação às escolas profissionalizantes da época. Vejamos uma dessas críticas:

A escola profissional não deve tornar-se uma incubadora de pequenos monstros aridamente instruídos num ofício, sem ideias gerais, sem cultura geral, sem alma, mas apenas com olhos infalíveis e uma mão firme [...] é também através da cultura profissional que se pode fazer com que do menino brote o homem, desde que essa seja uma cultura educativa e não apenas informativa (MANACORDA, 2008, p. 37).

Deste modo, entre 1911 à 1915, Gramsci percorreu um itinerário passando pela formação crociana - movimento marcado pela historiografia com influência política relevante na cultura italiana, por Benedetto Croce - lembrado como o guia moral do antifascismo, bem como pela militância socialista na direção do marxismo. Assim, a práxis política o conduziu a pensar a atividade, cujo alvo e sujeito é o próprio homem, tomado não isoladamente, mas como grupos, classes sociais, sob atos orientados para mudar as relações sociais, econômicas e políticas conduzindo a práxis revolucionária. Assim, o contato com a classe operária lhe conduz para:

A crítica a escola burguesa, a exigência de cultura para o proletariado, a caracterização dessa cultura em um sentido anti-positivista e, sobretudo, a necessidade de sua organização; a busca de uma relação educativa que subtraia o proletariado a dependência dos intelectuais burgueses, o problema específico da escola com o debate em torno da sua natureza classista, seus conteúdos antiquados e enciclopédicos, seus métodos paternalistas, e mnemônicos e, especialmente, a relação entre instrução humanística e formação profissional, que, na crítica da escola burguesa existente, envolve também a política escolar socialista (MANACORDA 2008, p. 28).

Desta maneira, a concepção enciclopedista rejeitada e o valor atribuído à cultura, fez de Antônio Gramsci um ativista no que se refere ao aspecto subjetivo da instrução.

Para ele, o conhecimento divorciado do esforço individual de pesquisa e da consciência da história da matéria não tinha qualquer valor (MANACORDA, 2008, p. 29). Assim, a escola que ele critica é aquela limitadora do desenvolvimento, que cria ‘pequenos monstros’, ‘homens pela metade’. Ao contrário, em sua concepção, a escola deve formar homens completos, buscando sempre uma relação positiva entre educação e instrução. Deste modo, aponta para uma discussão desinteressada dos problemas éticos e morais, bem como a formação de um hábito de pesquisa, de leitura feita com disciplina e método, de exposição simples e serena de nossas convicções (MANACORDA, 2008, p. 29). Neste contexto, ressalta-se o ideal de escola única para Gramsci na próxima seção.

2.3 O IDEAL DE ESCOLA ÚNICA PARA GRAMSCI

A concepção de escola única para Gramsci é, em grande parte, inspirada no modelo de escola que vinha sendo pensada e até mesmo implantada preliminarmente na União Soviética pós-Revolução proposta por Nadejda Krupskaja, esposa de Lenin, e que aparece em uma de suas obras intitulada “Materiais para revisão do programa do partido de 1917”, encaminhada para discussão do partido.

Nesta obra, há um parágrafo dedicado à escola unitária e Gramsci, não tão explicitamente, faz apenas referência a essa passagem. No entanto, Manacorda (2008, p. 163) identifica claramente em seu texto que essa fonte é importante para que ele pensasse a sua própria concepção de escola unitária. Nesse sentido, Krupskaja define a escola única como “Instrução gratuita e obrigatória, geral e politécnica (que dê a conhecer, na teoria e na prática, todos os principais ramos da produção) para todos os jovens dos dois sexos até os dezesseis anos: uma estreita ligação entre o ensino e o trabalho socialmente produtivo” (MANACORDA, 2008, p. 163).

O partido comunista soviético no seu oitavo congresso, aprovou a inclusão do parágrafo supracitado que foi denominado de Escola Única do Trabalho, assinalando o objetivo de preparar homens omnilaterais desenvolvidos da sociedade comunista. Ou seja, desenvolvimento omnilateral que é o oposto do desenvolvimento unilateral, proporcionado pela escola profissionalizante, que tinha como perspectiva superar essa unilateralidade avançando para uma omnilateralidade; portanto, uma formação integral, que congrega formação humanística e formação para o trabalho.

No caderno do cárcere 12 (SEMERARO, 2021), encontra-se a reflexão mais amadurecida de Gramsci sobre a Escola Única. Nesses textos, questiona-se como surgem

as escolas profissionais e técnicas diferenciadas da escola tradicional, humanística. Em outras palavras, Gramsci questiona como e porque a educação se diferencia historicamente em pelo menos dois tipos de escola - a humanística e a profissionalizante. Para Gramsci, isso se explica pela complexificação das atividades práticas, nascidas na civilização moderna capitalista e pela incorporação, cada vez mais intensa, das ciências à vida, fatos que geraram a necessidade de novas especializações ligadas a cada uma dessas atividades práticas.

Quanto mais a sociedade se torna complexa, mais surge a necessidade de especializações. Quanto mais especializações, maior necessidade de escolas que preparem especialistas. Criam-se então, escolas para formar especialidades nas diversas áreas e para preparar intelectuais com um nível ainda mais elevado, para atuarem como professores nessas escolas específicas. A escola humanista destinava-se a desenvolver em cada indivíduo a cultura geral ainda indiferenciada, o poder fundamental de pensar e de saber, além de orientar-se na vida. Aos poucos, a escola humanista desenvolveu um verdadeiro sistema de escolas profissionais de diferentes níveis destinadas aos diversos campos profissionais, visando atender a essas demandas por especializações.

A racionalidade da divisão da escola em humanista/clássica e profissional/técnica, responde também a interesses de classe, tendo em vista que “a divisão fundamental da escola em clássica e profissional era um esquema racional: a escola profissional destinava-se às classes instrumentais enquanto a clássica destinava-se às classes dominantes e aos intelectuais” (GRAMSCI, 2006, p. 32).

O advento da escola profissional e das condições históricas que a tornaram necessárias, colocou em xeque o princípio educativo da escola humanista baseado na tradição greco-romana, antes indiscutivelmente aceito como referencial válido para o estabelecimento das diretrizes educacionais. O surgimento das escolas profissionais ameaça o antigo ideal educativo que era aquele da escola humanista, conforme destaca Gramsci (2006, p. 33):

O desenvolvimento da base industrial, tanto na cidade como no campo, gerava a crescente necessidade do novo tipo intelectual urbano: desenvolveu-se, ao lado da escola clássica, a escola técnica (profissional) mas não manual), o que pôs em discussão o próprio princípio da orientação concreta da cultura geral, da orientação humanista da cultura geral, fundada na tradição greco-romana. Esta orientação, uma vez posta em discussão, foi afastada, pode-se dizer, já que sua capacidade formativa era grande parte baseada no prestígio geral e tradicionalmente indiscutido de uma determinada forma de civilização.

A tendência dominante com o advento das escolas profissionais, abandonou a escola humanista que Gramsci denomina como formativa desinteressada ou não imediatamente interessada, reduzindo a sua abrangência apenas a uma pequena elite de homens e mulheres. A escola humanista se restringiu a uma elite que não precisava se preocupar com a produção material de sua existência. Por outro lado, há a tendência de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais os destinos do aluno e sua futura atividade são pré-determinadas, o que demonstra o caráter classista dessa divisão de escolas.

O caminho para a superação dessa diferenciação escolar estaria para Gramsci na implantação de uma escola única inicial, de cultura geral humanista formativa que desenvolva tanto a capacidade de trabalho manual, quanto o trabalho intelectual, dirigida a todos os membros da sociedade. Somente após essa formação inicial geral, dar-se-ia o ingresso nas escolas profissionais especializadas e no mercado de trabalho, ainda assim depois de repetidas experiências de orientação profissional, conforme seu escrito:

A crise terá uma solução que, racionalmente deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual). Deste tipo de escola única, através de retidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo. (GRAMSCI, 2006, p. 33-34).

Deste modo, o autor esclarece e aponta para a necessidade de que até um certo nível da formação seja imperioso considerar que a escola seja única para todos e, após esse nível, digamos preliminar, pode-se pensar em especializações. Contudo, ele propõe que é preciso oferecer a todos uma única formação, que integre tanto o trabalho manual quanto o intelectual.

Cabe esclarecer que o filósofo ressalta acerca de que todas as pessoas são intelectuais. Nesse contexto, Gramsci compreende que até nas mais rudimentares atividades manuais existe o trabalho intelectual. Então, não há como justificar que alguns permaneçam apenas com a formação para o trabalho e poucos possuam também a formação humanista. Logo, essa dualidade não se justifica, a não ser pela desigualdade de classes. Ora, essa foi a ideia de Gramsci da escola única que vem como proposta para a dicotomia na formação proporcionada pela profissional *versus* humanista.

Ampliando a visão de seu pensamento, inclusive para os dias atuais, Gramsci entendia que o princípio educativo das escolas primárias é o trabalho entendido como

atividade teórico-prática, ou seja, o trabalho não é só uma atividade prática, é também uma atividade teórica, por isso, denomina-se teórico-prática. Ele compreendia que a formação não deve se restringir apenas ao sentido conceitual puro, mas ao conceitual no sentido da práxis.

Para Gramsci, a formação deveria estar ancorada na práxis. Sobre isto, encontramos em Vázquez (2007) que não é prática, como não é, necessariamente, pura teoria, mas a união indissolúvel entre ambas, voltada para o agir transformador da sociedade. Vázquez, assim como Gramsci, registra que a teoria não teria validade se não estivesse intercalada com a prática.

Isso significa dizer que a educação proporcionada pela escola primária se concentrava basicamente em dois elementos: as primeiras noções de ciências naturais e as noções dos direitos e deveres dos cidadãos. O ensino das noções de ciências visava combater o que para ele seria a concepção mágica do mundo e da natureza, que as crianças incorporam do ambiente cultural em que vivem e que se encontra impregnada de folclore. Desta maneira, outra categoria que aparece com frequência nos escritos de Gramsci é a noção de folclore, entendido como concepção mágica do mundo, às vezes como senso comum, como uma concepção pouco elaborada, pouco sistematizada e acrítica do mundo.

Assim sendo, as noções de ciências que a escola ensinava visava combater o que as crianças absorviam do meio em que viviam, do meio cultural que se encontravam imersas. Por sua vez, o conhecimento dos direitos e dos deveres das pessoas, as incentivavam a combater as tendências à barbárie individualista e localista que também compõem o ambiente cultural do folclore. Desta maneira, este movimento torna-se absorvido sem considerar as leis do direito, configurando, assim, a barbárie. Um dos objetivos da escola básica se constitui em ensinar as ciências e as leis civis. Sobre isto nos diz Gramsci (2006, p. 43):

Com seu ensino, a escola luta contra o folclore, contra todas as sedimentação tradicionais de concepções do mundo, a fim de difundir uma concepção mais moderna, cujos elementos primitivos e fundamentais são dados pela aprendizagem da existência de leis naturais como algo objetivo e rebelde, às quais é preciso adaptar-se para dominá-las, e de leis civis e estatais, produto de uma atividade humana, que são estabelecidas pelo homem e podem ser por ele modificadas tendo em vista seu desenvolvimento coletivo.

Há uma diferença muito evidente entre leis naturais e leis humanas e a escola precisa deixar claro tais diferenças e trabalhar com essas duas dimensões. O papel da lei civil é, em última instância, organizar os homens do modo historicamente mais adequado,

para que eles possam dominar a natureza, facilitando assim a sua transformação. No fundo, a própria organização das leis civis está, em última instância, a serviço do trabalho, ou seja, da natureza pelo homem. Essa transformação da natureza pelo homem é propriamente a essência do trabalho. Assim dizendo, nos dois casos tanto na lei da natureza quanto na lei civil, o trabalho está como referencial principal. Deste modo, o trabalho para Gramsci se põe como fundamento da hegemonia:

A hegemonia tem seu fundamento ultimo no processo de produção da vida material e nas relações de trabalho que configuram o bloco histórico. mas o processo produtivo é organizado por intelectuais organicamente vinculados a uma classe determinada, que persuadem os trabalhadores a movimentar a produção com sua força vital, pela força ou pelo consenso. (ROIO 2018, p. 158)

Portanto, Gramsci posiciona o conceito de hegemonia também num contexto temporal e geopolítico, em oposição ao conceito de revolução permanente, e reputa essa formulação a Lenin (ROIO, 2018, p. 159).

O trabalho para Gramsci e Marx é atividade teórico-prática pela qual o homem transforma a natureza para que ele o realize com todo seu poder de expansão e produtividade. É preciso que tenha um conhecimento exato e realista das leis naturais e dos conjuntos das leis que regulam a vida e as relações dos homens entre si. Nesse sentido, a escola primária ao centrar-se justamente no ensino das noções e ciências e dos direitos e deveres tinham o trabalho como princípio educativo imanente, como destaca Gramsci (2006, p. 43):

O conceito e o fato do trabalho (atividade teórico-prática) é o princípio educativo imanente à escola primária, já que a ordem social e estatal (direitos e deveres) é introduzida e identificada na ordem natural pelo trabalho. (...) É nesse o fundamento da escola primária.

Por conseguinte, vale observar que a escola única não significa simplesmente proporcionar ao estudante da escola tradicional alguma oportunidade de trabalho manual. Não se deve considerar apenas este aspecto e não pode ser este um determinante da escola, o que corresponde ao conceito de escola unitária, mas tendo o trabalho como princípio da constituição da própria escola e da própria educação, concebido em uma realidade teórico-prática. Assim, não basta simplesmente introduzir atividades manuais em uma escola que já é tradicional, pois isso não faz a escola ser única. Ser única é outra concepção teórica e politicamente diferente.

O objetivo da escola unitária é formulado em estreita relação com a escola humanista, visando, em primeiro lugar, elevar os jovens a certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática, bem como uma certa autonomia na orientação e na iniciativa. Só após é que deve ocorrer a inserção destes na atividade social. Logo, a escola tem uma função preliminar fundamental que é desenvolver no aluno sua maturidade a sua capacidade para a criação intelectual.

A escola proposta por Gramsci requer uma enorme ampliação da organização prática da escola, isto é, dos prédios, do material científico, do corpo docente. Propõe que se deve ampliar o corpo docente, pois a eficiência da escola é muito maior e intensa quando a relação professor/aluno for maior. Menciona ainda, no que se refere aos prédios, que os mesmos devem ser remodelados e adaptados, pois estas devem ser escolas em tempo integral, com dormitórios, refeitórios, bibliotecas especializadas, salas adequadas para o trabalho de seminário etc. Nota-se uma preocupação de Gramsci como um todo para o sistema educacional.

Para Gramsci (2006), a organização da escola unitária deve proporcionar os elementos e as condições que faltam à grande parte da população e que determina o seu ritmo mais lento nos estudos. Os filhos das camadas intelectuais encontram dentro de casa uma preparação, um prolongamento e uma complementação da vida escolar. Em outras palavras, absorvem facilmente uma série de noções, habilidades e aptidões. Por exemplo, quando a criança das camadas mais altas ingressam na escola, por estarem familiarizadas com o domínio da língua literária, sentem facilidade para aprender e seu desempenho os deixa em vantagem em relação as crianças e jovens proletários.

Gramsci em sua proposição para a escola unitária evidencia ainda, por sua vez, que os estudantes do meio urbano pelo simples fato de viverem na cidade absorvem, desde muito pequenos, diversos conhecimentos que tornam sua carreira escolar mais fácil, mais proveitosa e mais rápida, em comparação com os estudantes do meio rural. Por isso, ele sugere que a organização interna da escola unitária procure meios para compensar essas diferenças, criando condições para minimizar as dificuldades destas crianças. Segundo Gramsci (2006, p. 38):

[...] a escola unitária deveria ser organizada como escola em tempo integral, com vida coletiva diurna e noturna, liberta das atuais formas de disciplina hipócrita e mecânica, e o estudo deveria ser feito coletivamente, com a assistência dos professores e dos melhores alunos, mesmo nas horas do estudo dito individual etc.

O filósofo, tece críticas ainda para a escola profissional, evidenciando que esta não deve tornar-se “[...] uma incubadora de pequenos monstros aridamente instruídos num ofício, sem ideias gerais, sem cultura geral, sem alma, mas apenas com olhos infalíveis e uma mão firme” (MANACORDA, 2008, p. 163). Gramsci, segundo Manacorda (1990), fez da ação educativa uma missão constante, assinalando o caráter classista. Ele rompe com algumas dicotomias e está sempre pensando na educação para emancipação humana, o que não significa dizer que não exija disciplina, que autoridade não tenha espaço, inclusive vê com algumas ressalvas algumas experiências libertárias de educação, o que nos faz pensar em experiências significativas, mas que só podem acontecer em um contexto elitista e restrito, inclusive de condições.

O motivo humanístico de escola deve estar presente no que se considera como desejoso para uma escola diferente. Por esta razão, tece críticas ao modelo tradicional, como nos aponta Manacorda (2008, p. 35):

Essa crítica a uma escola limitadora do desenvolvimento, que cria pequenos monstros ou, como ele também diz, ‘homens pela metade, a exigência – avançada, dentro do contexto – de formar homens ‘completos’, a busca de uma relação positiva entre a educação e a instrução, entre a escola humanística e a escola profissional, são todos motivos destinados a retornar logo a seguir e a encontrar uma proposta concreta de solução.

Assim, o que importa é a formação integral do sujeito e a emancipação das massas, pois é necessário pensarmos em políticas públicas. Não se trata de defender como um ideal de educação experiências, que por mais exitosas que se tenham sido em dado momento e em determinados sujeitos, não podem ser alargadas para o conjunto da população. Assim, nos aponta Roio (2006, p. 323):

O desafio cultural e educativo que Gramsci se propunha a enfrentar era enorme, mas só poderia ser efetivamente resolvido quando a classe operária formasse os seus próprios intelectuais. O desafio se via acrescido, no contexto de ascensão do fascismo, pelo fato de não haver um movimento operário com condições favoráveis para criar e desenvolver suas próprias instituições.

Contrário à concepção burguesa de educação, Gramsci indicava que “[...] nem um ‘estudo objetivo’, nem uma ‘cultura desinteressada’ pode ter lugar nas nossas filas [...]”. Dizia, ainda, referindo-se ao partido:

[...] somos uma organização de luta, e nas nossas filas se estuda para acrescentar, para afinar a capacidade de luta de cada um e de toda a organização, para compreender melhor quais são as posições do inimigo e as nossas, para poder adequar melhor as nossas ações de cada dia. Estudo e

cultura não são para nós outra coisa que a consciência teórica dos nossos fins imediatos e supremos e do modo que podemos conseguir traduzi-los em ação. (GRAMSCI, 1978, p. 49-50 apud (ROIO 2006, p. 323)

Por esta razão Roio (2006, p. 323) nos diz que:

Gramsci considerava de suma importância educar um grupo dirigente da classe operária nas condições de refluxo e de terror em que se vivia, pois, esse grupo deveria estar preparado para dirigir o processo revolucionário. Tal grupo dirigente era também importante para administrar o Estado proletário e para educar massas crescentes de trabalhadores no sentido da emancipação, sem que estas voltassem a ficar sob a influência das velhas ideologias. Assim, a tarefa de preparação para dirigir a revolução e administrar o Estado proletário deveria ser enfrentada desde já.

Notadamente, Gramsci destaca que a escola única deve ser gratuita, laica e integral. Nesse sentido a disciplina tem papel importante. Sendo assim, não é possível entender que vamos conseguir essa formação ampla e séria sem nenhum empenho, sem nenhum esforço.

Destarte, os escritos sobre educação em Gramsci apontam para a escola unitária. Esta se movimenta para a transformação social, no sentido de promover a emancipação das pessoas num processo de transformação da educação, de modo a atender de modo acessível a todos.

3 À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao desvelar o pensamento de Gramsci, podemos dizer que a máxima que ele defende no âmbito da educação para as massas é uma escola única ou como conhecemos – escola unitária. Podemos defini-la como uma escola que não tenha nenhum tipo de distinção entre a formação oferecida para os mais favorecidos e para a classe trabalhadora.

De maneira sintética, poderíamos entender que uma marca forte no pensamento de Gramsci é o historicismo absoluto com que ele enxerga o mundo. Para ele todo ser humano é um sujeito que se constrói na relação com o outro neste processo histórico, por isto está em constante formação, assim como tudo o que se constrói é dado dentro do processo histórico.

Gramsci contribui com o pensamento de romper com a ideia falaciosa de que é possível existir uma neutralidade, seja em que campo for. Se o objetivo for formar intelectuais orgânicos que consigam atuar na sociedade em condições de enfrentar as lutas de classe, definindo os seus rumos, é preciso pensar, portanto, em uma formação que seja a mais ampla possível.

Compreendeu-se que a escola unitária de Gramsci também destaca a importância da cultura popular na formação das identidades e na luta contra a opressão. Para ele, a cultura popular é uma forma de resistência contra a dominação, e a educação deve valorizá-la e promovê-la como uma forma de empoderamento dos indivíduos.

Destaca-se que a contribuição da escola unitária de Gramsci introduziu o conceito de hegemonia na análise da educação, ressaltando a importância da educação na luta contra a opressão e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, de forma a promover a emancipação dos indivíduos.

Enfim, podemos considerar que, na perspectiva Gramsciana, a educação compõe-se de um trabalho efetivo, dinâmico, decorrente da ação prática do homem, de uma consciência positiva que resulta na práxis. E essa práxis conduz à uma emancipação humana e social que abre espaço para a formação, por meio da prática, contribuindo para a criação de uma nova concepção de mundo, mais autônoma, mais unitária e menos dicotômica.

REFERÊNCIAS

FRESU, Gianni. **Antonio Gramsci, O Homem Filósofo: Uma Biografia Intelectual**. Tradução: Rita Matos Coitinho. 1.ed. – São Paulo: Bomtempo, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere. v. 2. Os Intelectuais. O Princípio Educativo**. Jornalismo. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MANACORDA, M.A. **O princípio educativo em Gramsci: americanismo e conformismo**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2008.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª edição. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ROIO, Marcos del. **Gramsci e a educação do educador**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 311-328, set./dez. 2006 311. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

ROIO, Marcos del. **Gramsci e a emancipação do subalterno**. São Paulo: Unesp, 2018.

SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais, educação e escola: um estudo do caderno 12 de Antonio Gramsci**. São Paulo: Expressão popular, 2021.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.